

# O JUÍZO DA IMPRENSA EM *PAGINAS INFANTIS* (1908), DE PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

## *THE PRESS JUDGE ON PAGINAS INFANTIS (1908), BY PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA*

Ana Paula Serafim Marques da Silva  
Helder Pinheiro  
UFCG

**Resumo:** Neste artigo, analisamos a seção denominada como “Juízos da imprensa” presente na obra *Paginas infantis* (1908), da poetisa mineira Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). Trata-se de artigos publicados, por ocasião do lançamento da primeira edição da obra, que contribuem para dar visibilidade à autora e à sua produção. A pesquisa é de caráter documental e bibliográfica, com natureza qualitativa e dimensão interpretativa, que abarca a rede de relações de uma elite intelectual a qual a escritora se integra com o intuito de legitimar, qualificar e projetar sua obra. Como base teórica, adotamos principalmente as considerações de Arroyo (1968[2011]), Camargo (2001), Carvalho (1989), Ferreira (2012).

**Palavras-chave:** Imprensa; *Paginas infantis*; Presciliana Duarte de Almeida.

**Abstract:** *In this article, we analyze the section called “Judges of the press” present in the work Paginas infantis (1908), by the Minas Gerais poet Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). These are articles published on the occasion of the launch of the first edition of the work, which contribute to give visibility to the author and her production. The research is of documentary and bibliographic character, with qualitative nature and interpretative dimension, that embraces the network of relations of an intellectual elite to which the writer integrates in order to legitimize, qualify and project her work. As a theoretical basis, we mainly adopted the considerations of Arroyo (1968 [2011]), Camargo (2001), Carvalho (1989), Ferreira (2012).*

**Keywords:** *Press; Paginas infantis; Presciliana Duarte de Almeida.*

## INTRODUÇÃO

Historicamente, no Brasil, foi no Oitocentos que a literatura infantil surgiu enquanto categoria e material de leitura para preparar as crianças brasileiras para o mundo. Com a chegada da Família Real, inaugurou-se uma nova Era para a vida da colônia, havendo, portanto, mudanças significativas na cultura e no ensino do país. Na primeira década do século XIX, essa literatura foi reconhecida, inicialmente, através de traduções divulgadas por jornalistas, dessa forma, instituía-se

uma importância atribuída a esse material – jornais e traduções – que circulava para a leitura da criança, antes da Literatura específica para crianças que desabrochava apenas na segunda metade do referido período (CARVALHO, 1989).

Por isso, como assegura Arroyo (1968[2011]), não tardou muito para que houvesse uma reação nacional às traduções e aos originais europeus que circulavam pelo país, o que ocasionou o aparecimento de livros escritos e publicados pelos primeiros escritores brasileiros que contribuíram para os primeiros passos da formação de uma literatura infantil brasileira. Começa-se, portanto, a ser firmada no país a consciência de que uma literatura própria se fazia urgente para a demanda infantil, marcada por dois aspectos: que possuísse linguagem acessível e fosse “genuinamente” brasileira. A partir disso, as traduções estrangeiras e os jornais deixaram de ser o único material destinado às crianças de então. Com os objetivos educacionais republicanos de integração do espírito nacional, a renovação desse material se tornou ainda mais necessária.

Com o intuito de destacar a importância da imprensa na tarefa de divulgação e discussão da literatura infantil que começa a surgir no país, apresentamos a seção “Juízos da imprensa” presente no livro de leitura *Páginas infantis* (1908), de autoria da poetisa mineira Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). No mesmo contexto, temos a presença de Zalina Rolim (1869-1961), Francisca Julia (1871-1920), Olavo Bilac (1865-1918) dentre outros que se dedicaram à produção de obras, sobretudo em verso, que configurara, um meio de acesso à literatura na escola a partir das primeiras décadas do século XX. Dessa maneira, pretendemos explorar, principalmente, a grande importância das matérias jornalísticas que antecipam os poemas na obra de Almeida.

Os prefácios, as carta-pareceres, os prólogos etc., integrantes de livros de leitura, devem receber a devida importância, pois são paratextos, ou seja, escritos essencialmente utilitários que geralmente acompanham o texto principal, e são constituídos de dados objetivos que buscam transmitir conhecimento e informação. Sobre a importância dos prefácios, Teles (1979) coloca o gênero no rol do que denomina de “discurso paralelo” e aponta diversos tipos e funções que ele pode assumir. Lembra que quando o prefaciador é estranho à obra, “o autor do prefácio é uma pessoa que, por motivos de amizade, de identidade de princípios, de real ou suposto prestígio intelectual [...] se vê ‘obrigado’ a falar bem sobre a obra, enaltecendo-a, discutindo diplomaticamente uma ou outra passagem (...)” (TELES, 1979, p. 3).

Estudar esses tópicos é relevante para o entendimento de como os livros ganharam destaque no entresséculos, pois são exemplos dos produtos culturais do período de produção, recepção, utilização e circulação do qual fazem parte, já que apresentam tendências, gostos, necessidades e transformações que perpassam o campo educacional e literário do período.

Para a organização deste artigo, dividimos em três seções principais, além da introdução e das considerações finais. No primeiro tópico, apresentamos a poetisa mineira Presciliana Duarte de Almeida e a sua atuação no movimento cultural literário brasileiro no entresséculos. No segundo tópico, discutimos sobre *Páginas infantis* (1908), uma obra poética preliminar na história da literatura infantil brasileira. Já no tópico seguinte, abarcamos a seção “Juízo da imprensa” presente na mencionada obra. Nesse nosso percurso investigativo, verificamos a existência das seguintes

edições: a de 1908, primeira edição; a de 1910, 2ª edição, disponível no acervo da biblioteca Monteiro Lobato em São Paulo; a de 1914, contida no Laboratório de Ensino e Material Didático da USP (Lemad); e a de 1934 (5ª edição), acessível no acervo da Academia paulistana de Letras. Dessa forma, não iremos nos deter na análise da seção em apenas uma edição, tomaremos como estudos as edições de 1910, 1914 e 1934 para obter um estudo mais completo, já que há alterações entre as supracitadas edições.

Em termos teóricos, o trabalho encontra-se ancorado, principalmente, nas ideias, sobre a poetisa e sua obra, de Arroyo (1968[2011]), Carvalho (1989), Coelho (1984) e Pinto e Bertolletti (2017), e nas discussões de Ferreira (2012), Lajolo e Zilberman (2007) e nas próprias matérias jornalísticas presentes no impresso em estudo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo, que, conforme Gil (2002), depende de fatores que passam pela natureza dos dados coletados, instrumentos de pesquisa e pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Assim, o estudioso mencionado define o referido método como “[...] uma seqüência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação [...]” (p. 133). Destarte, ressaltamos que, por se tratar de uma pesquisa histórica, no título do nosso *corpus* e nas citações, foi mantida a ortografia oficial da época, conforme se encontra nos livros ou nos jornais.

## **PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA NO MOVIMENTO CULTURAL LITERÁRIO BRASILEIRO**

Segundo Arroyo (1968 [2011]), entre tantos autores que arriscavam destinar versos à infância brasileira, por meio de livros de leitura – material que configurou um meio de acesso à literatura na escola a partir das últimas décadas do novecentos –, quatro grandes escritores nos deixaram uma obra poética singular: Zalina Rolim (1869-1961), Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Julia (1871-1920) e Olavo Bilac (1865-1918).

Precursoras da então nascente literatura infantil, consideradas as mais válidas vozes da lírica voltada para crianças, mesmo que o leitor-alvo fosse visto por intentos moralistas e pedagógicos, típicos daquela época, todos eles escreveram num momento de grande voga do gênero. Nesse ínterim, Presciliana Duarte de Almeida, como aponta Coelho (1984), foi uma mulher de destaque no movimento cultural literário tendo desenvolvido ações importantes na divulgação das novas ideias feministas e educacionais no final do século XIX e ao longo do XX. Nasceu em Pouso Alegre/MG, mas sua vida literária aconteceu, principalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. De uma família letrada, a poetisa era prima das irmãs e escritoras Julia Lopes de Almeida (1862-1934) e Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-1923) e foi casada com o poeta e filólogo Sílvio Tibiriçá de Almeida (1867-1924).

De acordo com a enciclopédia Itaú Cultural (2020), Presciliana Duarte de Almeida publicou, em 1890, seu primeiro livro *Rumorejos*, colaborou em periódicos como *Almanaque Brasileiro Garnier*, *A estação*, *Rua do Ouvidor* e *A Semana*, e foi fundadora, em 1887, e diretora, até 1900, da revista

*A Mensageira* – “Revista Literária dedicada à mulher brasileira”. No campo educacional, teve participação na revista *Educação* no ano de 1902, e na revista *Alvorada* – do Grêmio Literário dos alunos paulistanos do Ginásio Silvío de Almeida, em 1909 – ano em que se tornou membro – fundador da Academia Paulista de Letras, onde ocupa a cadeira nº 8, escolhendo como poltrona a da poetisa Bárbara Heliodora, sua tia-trisavó. Ademais, lança, em 1906, o livro de poemas *Sombras*. Em 1908, *Páginas infantis*; em 1914, o *Livro das Aves: crestomatia em prosa e verso* – impressos destinados às crianças em fase escolar. Com essas publicações para infância, ela torna-se uma das precursoras da poesia infantil brasileira no início do século XX. Não se tem registro de outros exemplares da autora dedicado a esse público. E, em 1939, lança seu último livro de versos, *Vetiver*.

Raissa Nunes Pinto e Estela Natalina Mantovani Bertolotti, no artigo “Biografia de Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944)”, com intuito de reconstituir o percurso da poetisa, afirmam que há diversas formas de escrita do nome dela: “Prisciliana, Presciliana, Prescilliana, Priscilianna” (2017, p. 137). Para esse estudo, adotamos a forma ‘Presciliana’ que é a presente na segunda edição, de 1910, do livro *Páginas Infantis* e na primeira edição da revista *A mensageira* da qual ela era diretora e fundadora. As pesquisadoras destacam a importância desse periódico, já que hoje é considerado a primeira revista com teor feminista do Brasil. Em sua primeira edição, em 1897, Presciliana revela seu objetivo: “[e]stabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim, que modestamente, nos propomos.” (ALMEIDA, 1897, p. 1).

Constatamos, em nossos estudos, certo apagamento da escritora ou de suas obras na história do gênero poesia infantil. Antônio D’Ávila, por exemplo, em seu livro *Literatura Infanto-Juvenil* (1969), afirma que nossa biografia apresenta um considerável número de autores com poesias dedicadas à infância. O estudioso cita como trindade da poética da literatura infantil brasileira: Zalina Rolim, Bilac e Francisca Julia. Ele menciona alguns autores, mas deixa de fora muitos outros, a exemplo de Presciliana Duarte de Almeida, que é apenas citada no capítulo de biografia. Luís Camargo, por sua vez, em seu ensaio “Poesia Infantil no Brasil” (2001), não cita a poetisa. Já Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007) citam a autora, mas não a primeira obra dela, destacando apenas *Livro das aves: crestomatia em prosa e verso* (1914), para falar das antologias folclóricas e temáticas utilizadas nas celebrações escolares. Esse apagamento também pode ser notado em duas importantes antologias voltadas para poesia para crianças. A primeira, *Poesia brasileira para infância* (1968), organizada por Cassiano Nunes (1921-2007) e Mário da Silva Brito (1916-), cuja primeira edição é de 1960, traz poemas de Olavo Bilac, Francisca Julia, no entanto, ignora Presciliana Duarte de Almeida. O segundo exemplo é a *Poemas para infância* (s/d), organizada pela poetisa Henriqueta Lisboa (1901-1985), obra até hoje editada, e que, embora também contemple poemas de autores da mesma época, deixa a poetisa de fora.

Ademais, esses fatores revelam, ainda mais, a importância de estudar a participação da escritora nos jornais, na educação e na literatura didática, apresentando sua grande importância na constituição da história da literatura infantil do país.

## **PAGINAS INFANTIS: OBRA SEMINAL DE NOSSA POESIA INFANTIL**

Um gênero literário que surgiu no século XIX e fez parte da literatura escolar foi a poesia infantil. Ele teve grande relevância na construção da infância brasileira, considerado um recurso poético que propiciava a formação de bons sentimentos e de boas maneiras por meio de uma linguagem exortativa (COELHO, 2000). Esse recurso literário foi um dos preferidos dos intelectuais no começo da Primeira República. Considerado nobre, o texto poético fora um importante aliado para educar os ouvidos das crianças e, por isso, ganhou um *status* em sala de aula, por atender às exigências escolares de divertir e de instruir, no momento em que começavam a surgir versos que tematizavam a infância. Vale destacar, consoante Lajolo (1982), que o público escolar de então era quase sempre composto por filhos de fazendeiros. As crianças pertencentes às camadas mais favorecidas foram sujeitos privilegiados, consideradas a “semente do novo mundo”, o que influenciou a produção de material impresso destinado à infância brasileira.

Emergido, então, no ambiente escolar, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, vincula-se com a pedagogia e cresce de braços dados com a escola, voltando-se principalmente para a aprendizagem da língua portuguesa e para a exaltação do ensino da moral e do civismo: “[e]m função desse forte vínculo com a escola, até os anos 60, a poesia infantil parece seguir um paradigma moral e cívico, aconselhando aos pequenos leitores o bom comportamento e o civismo.” (CAMARGO, 2001, p. 88).

Nesse cenário, *Páginas infantis*, da poetisa mineira Presciliana Duarte de Almeida que dedica o volume à memória do seu pai, publicado em 1908 e adotada pelo Conselho de Instrução de São Paulo, de Minas Gerais e do Distrito Federal, é constituída, na sua 1ª edição, por 32 poemas, 7 contos, 2 cartas, 15 enigmas (adivinhações) e pelas seções e pelas seções “Cartas honrosas”, “Carta-Prefácio”, “Prólogo” e “Juízo da imprensa”. Destinada ao ensino das escolas primárias dos referidos estados, foi um marco precursor da literatura infantil brasileira, no início do século XX. Esse livro pode se diferenciar dos livros de leituras publicados na época pela preocupação da escritora com a qualidade literária dele, criticando o pragmatismo existente nas obras do período, conforme podemos verificar no seguinte trecho presente no prólogo de *Páginas Infantis* (1908):

E procurei, tanto quanto possível, ter em consideração, ao compor esta modestíssima obra, as palavras de Friedrich Friedrich: << Evitar na literatura destinada à infância tudo que pareça conselho e prédicas de moral, mas procurar exercer uma influência benéfica na alma da criança, sem que ela própria o saiba. (ALMEIDA, 1908[1910], p. 7).

No próximo tópico, veremos como tal afirmação se fortifica com a presença do juízo de imprensa. Ainda sobre a citação acima, ela indica algo além da visão já construída pelos estudiosos da produção infantil da época, que apontam o conteúdo desses livros ser apenas moralizador, formativo e pedagógico, deixando de fora o caráter literário.

Outro importante detalhe é a informação sobre a arte visual do livro. A capa é desenhada por Bento Barbosa e o texto é ilustrado por Jonas de Barros, com impressão realizada na tipografia Brazil de Rothschild & Co. Tal informação é de extrema relevância para as publicações da época nas quais, em sua maioria, não é possível localizar a referência ao ilustrador ou capista.

Antecipando os elogios presente na seção que analisaremos no próximo tópico, Rufiro Tavares (1908[1914]) reitera que o exemplar atende ao gosto infantil, pois trata de assuntos simples e naturais:

“E’ o que se dá com os assumptos das *Páginas Infantis*, interessantes e magnificamente seleccionados; elles revelam uma encantadora naturalidade, alludem a coisas que podem e devem despertar nesses pequeninos cerebros um alvoroço bemfazejo, uma preocupação curiosa, o que a autora conseguiu plenamente, no seu esforço, para attingir o fim colimado. (TAVARES, 1908[1914], p. IX)

As composições presentes em *Páginas infantis* (1908), além de validar seus propósitos utilitários, como era a literatura infantil da época, apresenta uma intencionalidade estética e lírica que agradavam ao mesmo tempo em que instruíam o leitor mirim. Mesmo após mais de 112 anos de sua publicação inicial, a obra ainda pode nos proporcionar prazer, oportunizando uma leitura agradável e divertida. Tais fatores nos revelam a importância de estudarmos uma obra literária histórica, pouco explorada e culturalmente distante.

## PERCORRENDO O “JUÍZO DA IMPRENSA”

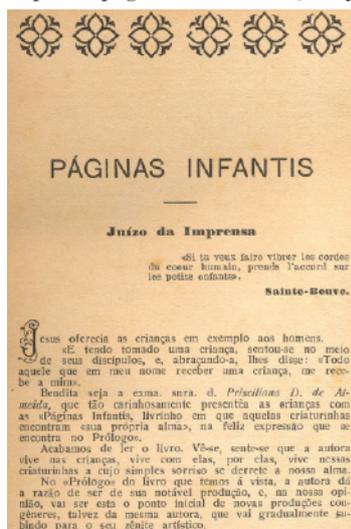
Era comum, nos livros de leitura, ter as seções e os prefácios assinados por intelectuais do período, homens sobretudo. Os autores se preocupavam com a eficiência dos seus livros, por isso investiam fortemente nessa prática. A exemplo, podemos citar o livro da educadora e poetisa paulista Maria Zalina Rolin Xavier de Toledo, *Livro das crianças* (1987), que tem seu prefácio assinado pelo intelectual ligado à área da educação Gabriel Prestes, e projeto do livro realizado pelo Educador João Köpke (1852- 1926), importante intelectual no campo da educação e poeta que influenciou vários escritores e escritoras da sua geração. Já o livro de leitura *Contos Infantis* (1886), destinado às escolas primárias do Brasil, composto por contos escritos por Julia Lopes de Almeida (1862-1934), e por poemas, de autoria de Adelina A. Lopes Vieira (1850-?), como informa o índice da obra, tem no início do prólogo da primeira edição, assinado pelas autoras, a informação de que o exemplar foi autorizado por homens de renome da época, a saber: Barão de S. Felix, Barão de Paranapiacaba, Dr. Victorio da Costa, Dr. José Maria Velho da Silva. Em *Livro da Infancia* (1899), da poetisa paulista Francisca Julia da Silva, o prefácio é realizado pelo seu irmão e poeta Julio Cesar da Silva (1872-1936). A presença desses nomes nos revela a necessidade de reconhecimento por parte de uma elite, masculina sobretudo, para validar um livro de autoria feminina.

De maneira diferente, em *Poesias infantis* (1904), de Olavo Bilac, escritor bastante reconhecido e aclamado no Oitocentos, não há prólogo ou seção de elogios de terceiros para a obra, e nem

menção a aprovação de alguma celebridade. O autor mesmo faz e assina a seção “Ao leitor” e o prefácio do compêndio. Ademais, localizamos notas de publicação em jornais por ocasião de lançamento de *Poesias infantis – Correio Paulistano*, em edição de 1 de fevereiro de 1904 – e *livro das crianças – O Estado de S. Paulo*, escrita por João Köpke, em 28 de Janeiro de 1896. No entanto, essas notas não estão integradas aos seus livros, como ocorre em *Páginas Infantis* (1908).

Trouxemos para nossa discussão esses impressos publicados em datas próximas da que estamos estudando com o intuito de reafirmar a necessidade da presença da seção com os elogios da imprensa em nosso *corpus*. Na obra, o Editor faz um compilado de notas que foram publicadas em diversos jornais e insere no tópico intitulado “Juízo da Imprensa”. Entendemos que tal método seja fruto de um projeto de divulgação do livro, ou seja, uma estratégia editorial para alavancar as vendas dos exemplares, já que se caracteriza como um mecanismo de funcionamento do mercado editorial de livros para crianças no final do século XIX e início do XX. Trata-se essencialmente de uma seção em que várias personalidades de renome de então dedicaram enaltecimento para a recente publicação da autora, ou seja, são notas publicadas em jornais ou revistas, no ano de lançamento da obra como podemos verificar abaixo (Figura 1).

Figura 1 – Fotocópia da página inicial da seção “Juízo da Imprensa”



Fonte: (ALMEIDA, 1908[1934], p. III). Disponível no acervo da Academia paulistana de Letras.

A nota jornalística que inaugura a seção é assinada por Hippolyto Pujol e foi publicada inicialmente em 25 de Março de 1908, no Jornal *São Paulo*. Já no primeiro parágrafo, o autor recorre a uma citação bíblica para enfatizar o cunho religioso que pode ser encontrado nos versos e nas narrativas que compõem a obra. Ademais, ele dialoga com o prólogo, escrito pela própria autora. O próximo texto é de Curvelo de Mendonça, que esclarece o objetivo da recente publicação de Almeida:

Não se trata de um livro de leitura, nem tampouco de uma produção meramente literária que se deseja impor às crianças. Um e outro gênero talvez existiam já

em excesso no mercado pedagógico. A fonte estrangeira é abundantíssima. Ai bebem, não raro, aqueles que contam com as aprovações fáceis.

As *Paginas Infantis* destinam-se principalmente ao ensino oral das nossas classes primárias. A ilustre autora teve a compreensão nítida da função maternal da escola moderna. (MENDONÇA, 1910, p. 137).

Como mencionamos, Presciliana Duarte de Almeida, apesar de usufruir de reconhecida projeção como poetisa, era mulher e precisava lançar mão de algumas estratégias para dar visibilidade a sua primeira obra destinada ao público infantil. Por isso, desde a capa ao topo da página, logo abaixo do nome da autora e como complemento de sua apresentação tem a informação “Da Academia Paulista de Letras” e, bem no centro, lemos: “Carta-prefácio do Dr. João Köpke”.

Ao observarmos as edições de que temos fotocópias, a localização da seção, na edição de 1910, as matérias jornalísticas estão situadas na parte final do livro, ou seja, logo após o término dos poemas do compêndio. Talvez, por eles serem expostos ao final da obra, lemos na folha de rosto: “acompanhada de um appendice com a opinião da imprensa”. Já nas edições de 1914 e 1934, inexistente essa informação e as matérias jornalísticas vêm no início, logo após a folha de rosto. Podemos inferir que esse deslocamento da seção pode revelar a importância que se dava a esses paratextos no decorrer das edições.

Uma outra diferença que foi observada é a questão dos nomes que contribuíram para a publicação das matérias e das datas, nas edições de 1910 e 1914, que são Hippolyto Pujol (Jornal *São Paulo*, 25 de Março de 1908), Curvello de Mendonça (Jornal *Paiz*), Rufiro Tavares (Jornal *Correio da Manhã*, Março de 1908), Argymiro Acayaba (Jornal *Cidade de Santos*), Arthur Orlando (Jornal *Diario de Pernambuco*, Recife, 2 de maio de 1908, p. 1) Octaviano Carlos de Azevedo (Jornal *Cidade de S. João*, São João da Boa Vista, Março de 1908), Valdomiro Silveira (Revista *Cricri*), Conde de Affonso Celso (Jornal *do Brazil*), e por último, a única mulher, Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911) (Jornal *Commercio de S. Paulo*, Rio de Janeiro, Março de 1908). Os dados mais completos – jornal, cidade e data – dessas notas de publicação se encontram na edição de 1910. Apenas a de Arthur Orlando foi localizada no referido jornal e por isso contém as informações por completo.

Na edição de 1934, alguns artigos foram resumidos, as datas suprimidas e o nome de Rufiro Tavares foram retirados. Como vê-se no artigo de Segabinazi, Silva e Oliveira (2019), houve uma reorganização gráfica após a segunda edição da obra, alguns poemas foram inseridos e ilustrações modificadas, reduzidas ou eliminadas. Dessa forma, podemos deduzir que a seção que aqui estudamos pode ter sido afetada por esse novo formato, e, portanto, teve artigos eliminados e outros reduzidos.

A pesquisadora Norma Sandra de Almeida Ferreira (2012), em seu artigo “Páginas infantis – para ouvir, declamar, imprimir no espírito”, faz uma análise acerca das seções presentes no livro e aponta como a rede de relações de prestígio no ambiente cultural (artístico) da escritora pode contribuir para que a obra fosse vista como distinta da produção que circulava naqueles tempos.

Com o intuito de favorecer a promoção do livro, alguns pontos, como elogio ao livro e à autora, enfatizando a condição de Almeida ser mulher e mãe, citar poemas do livro para dar

mais respaldo aos argumentos, mencionar o educador João Köpke, que assina a carta-prefácio do exemplar, são recorrentes nessa parte do livro. Quanto a esse último ponto, podemos verificar o que diz Curvello de Mendonça (1908[1934]):

Em boa verdade, as *Páginas Infantis*, de d. Presciliana Duarte de Almeida, estão préviamente consagradas pelo juízo autorizado de um professor illustre e pela opinião de dois conselhos superiores de instrução pública, o de S. Paulo e o de Minas. Acrescentando-se que o professor em questão é o Sr. João Köpke, não era preciso mais o merecimento oficial do livro. Todavia, a-pesar-disso, e a-pesar-de que S. Paulo e Minas transformaram o serviço do ensino público em uma função honesta e séria no organismo administrativo, sendo-lhes portanto impossível banalizar elogios e aprovações, é preciso compulsar o trabalho da distinta escritora, para ter-se a sensação positiva do lugar que ele pode e deve ocupar. (MENDONÇA, 1908[1934], p. V).

Os comentários elogiosos feitos à recente obra vão desde os mais variados bons adjetivos até comparar a obra com um grande clássico que encantava os jovens leitores no período, como pode ser observado, a seguir, no comentário de Argimiro Acayaba (1908[1934]):

o aparecimento dêsse livro infantil, rival do *Cuore*, de Amicis, é indício manifesto de que vai florescendo entre nós a literatura para crianças. Simples e clara, de despretençiosa arte e inocente gosto de dição, a recente obrinha desperta e aviva o sentimento infantil, com a blandiciosa linguagem de quem sabe transportar para o papel todas as palpitantes emoções da alma humana. (ACAYABA, 1908[1934], p. VI).

Como aponta Lajolo e Zilberman (2007), a obra *Cuore* (1886), do escritor italiano Edmond De Amicis (1846-1908), fazia parte de um projeto educativo e ideológico europeu que inspirou autores brasileiros. O livro foi lançado em 1891 pela editora Francisco Alves, especializada em literatura escolar aqui no Brasil; as edições do exemplar, por essa mesma editora, chegaram a 53 até pelo menos 1968. (WATAGHIN, 2016). Nessa conjuntura, esse *best-seller* constituía uma verdadeira cartilha, abarcando temas sobre “[...] o patriotismo, o amor e respeito à família e aos mais velhos, a dedicação aos mestres e à escola, a piedade pelos pobres e fracos.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 31-2). Esse evidente amor à pátria, sentimento de família, noções de obediência, prática das virtudes civis corroboram com os valores propagados durante a Primeira República, para que a criança obtivesse uma formação rigorosa, e o seu desenvolvimento fosse adiantado e se tornasse um ser produtivo, o que condizia com os interesses circulantes na época e, portanto, justifica a menção que Argimiro Acayaba faz ao clássico, comparando com o nosso *corpus*.

A Primeira República tinha como finalidade específica construir o futuro grandioso do país; e para cumprir esse objetivo foram criados projetos voltados para educação. As crianças foram sujeitos privilegiados nessa época, consideradas a “semente do novo mundo” (LAJOLO, 1982). Em meio às transformações advindas com o estabelecimento do novo regime, as obras que

compõem a nascente da literatura infantil brasileira, segundo Coelho (2010), tinham a intenção de educar e divertir. Nesse sentido, observamos como os autores dessas matérias jornalísticas estavam afinados com os padrões exigidos pelo sistema de educação de então. Maria Clara da Cunha Santos, única mulher presente na seção que aqui exploramos, amiga de Almeida e colaboradora da revista *A Mensageira*, ressalta como *Páginas infantis* (1908) tem a intenção de recrear e educar.

Em resumo, direi que o livro infantil de Presciliana é um modelo: é simples, puro, correto, religioso, não contém em suas mimosas páginas o vislumbre de um sentimento menos digno. Instrue e diverte ao mesmo tempo as crianças. Páginas escritas por uma mulher que tão alto tem sabido elevar o amor e cumprido seu sagrado dever de filha, esposa e mãe, de um modo inexcedível, era natural que traduzissem com precisão e justeza toda a delicadeza e misteriosa psicologia do coração infantil. (SANTOS, 1908[1934], p. XV).

Como bem explica Coelho (2000), “[...] a literatura oferecida ‘oficialmente’ aos educandos nas escolas obedecia ao *espírito da época* ou à mentalidade dominante na sociedade” (p. 230). Dessa forma, a produção infantil desse período foi influenciada pelos seguintes valores ideológicos: o *Nacionalismo*, que era a valorização da pátria e seus elementos como a língua portuguesa, culto das origens e o amor pela terra; o *Intelectualismo*, que valorizava o estudo, os livros e o saber; o *Tradicionalismo cultural*, que era a valorização dos grandes autores e obras literárias que serviam de modelo cultural; e o *Moralismo e a religiosidade*, isto é, “[...] exigência absoluta de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza de corpo e alma, dentro dos preceitos cristãos [...]” (COELHO, 2010, p. 224).

Entre outros enaltecimentos à obra, Santos (1908 [1934]) ainda fala da capa e das ilustrações que formam o projeto gráfico do compêndio: “[...] um livro bonito, claro, alegre, com o texto ilustrado e a capa desenhada por dois artistas de nome: Jonas de Barros e Bento Barbosa.” (p. XIV). As matérias, em sua essência, abarcam o todo da obra, não deixando de fora os aspectos externos que formam o exemplar.

Por fim, um dos aspectos recorrentes nesses paratextos, consoante Ferreira (2012), é a referência ao fato de Almeida ser do sexo feminino, ser mulher-mãe, que sem descuidar-se dos afazeres domésticos foi conquistando um espaço escriturístico e educacional que, no período, é predominantemente masculino. Nesse sentido, é evidente a repetição de argumentos para qualificá-la como mãe e autora para crianças: “[...] porque as *Páginas Infantis* só poderiam ser escritas por um lúcido espírito, guiado por um coração de mãe.” (AZEVEDO, 1908[1934], p. IX). Ademais, o argumento maternal também se estendia a conselhos para o Estado aumentar a distribuição do exemplar, como aponta Valdomiro Silveira: “A bibliografia escolar do Estado teria a lucrar deveras, se pudesse abranger, desde logo, êsse volume encantador, que uma distinta literata fez e a que a doce mãe de família, que ela é, trouxe todas as graças e ternuras do lar.” (SILVEIRA, 1908[1934], p. XII).

Posteriormente, Presciliana Duarte de Almeida publica, em 1914, o seu segundo e último

livro destinado às crianças brasileiras, *Livro das aves: crestomatia em prosa e verso*, como já discurremos. Trata-se de uma coletânea de poemas e de textos em prosa de vários poetas e poetisas que foram organizados por ela. Na obra, não há esforço de divulgação, não há seções de juízo de imprensa nem carta-prefácio assinadas por intelectuais de renome, como visto em *Páginas Infantis* (1908). Parece-nos que, nessa segunda publicação, a autora já disponibilizava de um certo prestígio como escritora para esse público, como podemos ver no trecho localizado no jornal *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*: “[q]uanto a Presciliana Duarte, conheço-lhe apenas o ‘Livro das Aves’, seleta escolar, onde figuram muitas poesias suas, de Zalina Rolim, poetas e poetisas da época – sempre alusivas ao reino voador.” (CUNHA, 1954, p. 3). A obra foi uma encomenda do governo para a comemoração do dia das aves nas escolas paulistanas, e talvez por isso não precisasse ter toda uma rede de enaltecimentos para com ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Páginas infantis* (1908), escrito por uma literata da Academia, referendado pelo Conselho Superior do Estado, teve sua publicação e seu sucesso por atender às exigências do mercado editorial destinado às escolas, fatores que foram ainda mais avivados pelo prestígio que seus prefaciadores detinham já naquele momento.

Por volta de 1831, começa a surgir no Brasil jornais destinados ao público infantil e juvenil. Conforme Arroyo, (1968 [2011], p. 179), “[...] os primeiros jornais dedicados às crianças não só despertavam o interesse do pequeno leitor [...] como também se constituíam em veículos galvanizadores de vocação e de discussão de problemas e questões relativas ao aprendizado escolar?”. Com isso, a imprensa, tanto de jornais quanto de revistas, destinada a esse público ganhou certa importância, o que nos faz acreditar que o capítulo “Juízo da imprensa”, presente no nosso *corpus*, possa ter sido apreciado não só por pais e professores, mas também pelas crianças a quem a obra se destinava.

Nesta pesquisa, atingimos o objetivo de analisar uma seção de elevado destaque em *Páginas infantis* (1908): Juízo da Imprensa. Apresentamos brevemente alguns aspectos da vida da autora e de sua obra, que foi bastante representativa e fez parte da cultura escolar na transição Império-República. Também demonstramos as mudanças editoriais que fizeram as matérias jornalísticas serem relocadas de posição na obra e suprimidas, bem como a sua organização e argumentação nada inocente para valorizar ainda mais a escritora e sua obra. Assim, deixamos nossa contribuição para o campo dos estudos relativos ao trabalho da imprensa na disseminação de obras infantis de autoria feminina, bem como agregamos elementos para a construção da história da literatura infantil nos séculos XIX e XX, trazendo a figura da poetisa mineira Presciliana Duarte de Almeida, sua obra *Páginas infantis* (1908) e, principalmente, a seção em questão, explorando a abordagem dos argumentos das matérias jornalísticas que visava valorizar e propagar a recente publicação da autora, e buscando entender como acontecia a articulação entre editores, escritores, divulgadores e leitores.

Para Chartier (2002, p. 127), reconstruir o sentido de uma obra exige considerar três relações estabelecidas entre os seguintes polos: “[...] o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera.”. Relembramos que o objeto deste estudo foi encomendado e planejado para a escola, e sendo assim, a obra responde a uma necessidade institucional, bem como ao pensamento e ao espírito da época e de quem a produziu. Concluímos, dessa forma, nosso estudo com o sentimento de darmos continuidade a essa investigação com mais afinco, buscando ampliar e explorar a importância, e a influência da imprensa em livros de leitura de autoria feminina que circularam nas escolas dos grandes centros do Brasil no final do século XIX e início do XX.

## REFERÊNCIAS

ACAYABA, A. Juízo de imprensa. In: ALMEIDA, P. D. *Páginas Infantis*. São Paulo, Escolas profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1934. Disponível no acervo da Academia paulistana de Letras.

ALMEIDA, P. D. *Páginas Infantis*. 2a. ed. São Paulo: Typografia Brazil Rothchild & Co, 1910. Disponível no acervo da Biblioteca InfantoJuvenil Monteiro Lobato.

\_\_\_\_\_. *Páginas Infantis*. São Paulo: Escolas profissionais Salesianas, 1914. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/201901/paginas%20infantis%20XV%20milheiro.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. *Páginas Infantis*. São Paulo: Escolas profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1934. Disponível no acervo da Academia paulista de Letras.

\_\_\_\_\_. *Revista A mensageira*. Anno 1, n.1. São Paulo. 1987. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/per352438\\_contente/per352438\\_item1/P2.html](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per352438_contente/per352438_item1/P2.html). Acesso em: 01 mai. 2020.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Unesp, 2011.

AZEVEDO, O. C. Juízo da imprensa. In: ALMEIDA, P. D. *Páginas Infantis*. São Paulo, Escolas profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1934. Disponível no acervo da Academia paulista de Letras.

CAMARGO, L. Poesia infantil no Brasil. In: *Revista De Crítica Literaria Latinoamericana*, vol. 27, no. 53, 2001, pp. 87–94. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>. [https://www.jstor.org/stable/4531150?readnow=1&refreqid=excelsior%3A140bc8315627bfc30184107431744183&seq=8#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/4531150?readnow=1&refreqid=excelsior%3A140bc8315627bfc30184107431744183&seq=8#page_scan_tab_contents). Acesso em: 21 mar 2020.

CARVALHO, B. V. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 6 ed. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira 1882-1982*. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

\_\_\_\_\_. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

CUNHA, F. A poesia Esquecida de Julia Cortines. In: *Letras e Artes*: Suplemento de A Manhã, 13.04.1954. p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=114774&PagFis=1966&Pesq=Livro%20das%20Aves%e2%80%99>. Acesso em 20 abr 2020.

D'ÁVILA, A. *Literatura Infanto-Juvenil* (1969): de acordo com o programa das escolas normais. 3. ed. rev. aum. São Paulo: Editora do Brasil, 1969.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. PRESCILIANA Duarte de Almeida. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6192/presciliana-duarte-de-almeida>. Acesso em: 24 abr. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FERREIRA, N. S. A. Páginas Infantis – para ouvir, declamar, imprimir no espírito. In: ROSA, M. C. *Escritas, leitores e história da leitura*. Pelotas, ed. Da UFPel, 2012, pp. 141-168.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4 ed. São Paulo: ATLAS, 2002.

LAJOLO, M. P. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, M. P.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: Histórias e histórias*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LISBOA, H. (org). *Poemas para infância: antologia escolar*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

MENDONÇA, C. Juízo da imprensa. In: ALMEIDA, P. D. *Páginas Infantis*. 2a. ed. São Paulo: Typografia Brazil Rothchild & Co, 1910. Disponível no acervo da Biblioteca InfantoJuvenil Monteiro Lobato.

\_\_\_\_\_. Juízo da imprensa. In: ALMEIDA, P. D. *Páginas Infantis*. São Paulo, Escolas profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1934. Disponível no acervo da Academia paulista de Letras.

NUNES, C; BRITO, M. S. *Poesia brasileira para a infância*. São Paulo: Edição Saraiva, 1968.

PINTO, R. N; BERTOLETTI, E. N. M. Biografia de Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). In: *XI Seminário em Educação e VI Colóquio de Pesquisa*. 2017, Paranaíba- MS. Anais. p. 137-146. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/semiedu/article/viewFile/4567/pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

TAVARES, R. Juízo da imprensa. In: ALMEIDA, P. D. de. *Páginas infantis*. São Paulo: Escolas profissionais Salesianas, 1914. Disponível em: <http://lemad.ffch.usp.br/sites/lemad.ffch.usp.br/files/201901/paginas%20infantis%20XV%20milheiro.pdf>. Acesso em: 24 Abr. 2020.

SANTOS, M. C.C. Juízo da imprensa. *In: ALMEIDA, P. D. de. Páginas infantis*. São Paulo: Escolas profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1934. Disponível no acervo da Academia paulista de Letras.

SEGABINAZI, D. M; SILVA, A. P. S. M. OLIVEIRA, V.V. Os livros de leitura e as ilustrações no Brasil do entresséculos. *In: Em Aberto*, Brasília, v. 32, n. 105, p. 145-164, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4214/3666> . Acesso em: 30 abr 2020.

SILVEIRA, V. Juízo da imprensa. *In: ALMEIDA, P. D. Páginas Infantis*. São Paulo: Escolas profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1934. Disponível no acervo da Academia paulista de Letras.

TELES, G. M. *A retórica do silêncio*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1979.

WATAGHIN, L. Edições brasileiras das obras de Edmondo de Amicis. *In: Literatura italiana traducida en Brasil Mutatis Mutandis*. Vol. 9, No.1. 2016, p.42-52. Disponível em: <file:///C:/Users/anapa/Downloads/Dialnet-EdicoesBrasileirasDasObrasDeEdmondoDeAmicis-5590022.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

**Ana Paula Serafim Marques da Silva**

---

Licenciada em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da mesma instituição; Especialista em Literatura e Ensino, pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), modalidade EaD; Doutoranda em Letras pelo PPGL/UFPB

**Helder Pinheiro**

---

Doutor e Mestre em Literatura Brasileira (USP), Pós-Doutorado pela UFMG, Professor Titular da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino. Autor dos livros *O preço do jumento: poesia em contexto de ensino* (UFCG), *Poesia na sala de aula* (Parábola) e *Poesia brasileira: das origens ao pré-modernismo* (UFCG).

*Recebido em 10/11/2020.*

*Aceito em 10/12/2020.*